





Esta lenda passa-se na ilha de São Miguel, no arquipélago dos Açores, que é um dos lugares mais belos do mundo e é lá que se encontra a lagoa das Sete Cidades! Uma lagoa que é formada por dois lagos — um é azul e outro é verde. Esta raridade da natureza tem tido várias explicações.

Uma delas é a lenda de uma princesa que era apaixonada por todos os segredos da natureza que havia na sua ilha maravilhosa. Esta ilha, com as suas paisagens misteriosas e envolventes, ainda hoje é um encanto para quem a visita. Tem florestas com cedros, urze, loureiro e azevinho, e um sem-número de jardins que ninguém planta com hortênsias, camélias e azáleas! Há grandes prados onde se vê o gado a pastar, e em nenhum lugar se ouve apenas o mar. Habitam lá aves de rapina, como o milhafre, e aves marinhas, como o cagarro e a gaivota, e também um muito especial que não existe em mais lado nenhum do

mundo e que se chama priolo. Tem animais terrestres, claro, como o coelho selvagem, a doninha anã, o ouriço-caixeiro, enfim, como podem imaginar, qualquer criança ficaria contente por andar nestes campos a observar e a explorar.

Era o que fazia a princesa Antília, que nunca se aborrecia. Podia ficar horas à beira dos muitos lagos e ribeiros a observar os peixes. Uns tinham trutas e lúcios, outros, percas e carpas, e eram todos lindos aos seus olhos. Se quisesse, andava um dia inteiro por entre os montes a identificar os fetos que vinham da época jurássica, e que têm as folhas novas em voluta de violino, como lhe mostraram os professores, a pedido dos seus pais, que governavam a ilha.

Conta a lenda que, num desses dias, chegou aos ouvidos da princesa uma melodia. Alguém tocava flauta ali perto. Geralmente, quem tocava flauta eram os pastores, pensou. E não estava errada. O músico era realmente um pastor, um jovem mais ou menos da sua idade e que ela nunca tinha visto. Tocava para se entreter nas longas horas em que andava com o gado no prado. Ficaram logo amigos.

Tanto um como o outro eram conhecedores da flora e da fauna locais, e, a partir desse dia, o programa favorito de ambos era passear e explorar a ilha.

Durante anos, continuaram a ser companheiros de brincadeiras e descobertas, até que um dia, mais crescidos, começaram também a ir aos miradouros, lugares onde a ilha termina abruptamente e dá lugar ao mar. Por vezes, o pastor levava a sua flauta, pelo que Antília achava que a melhor homenagem que se podia fazer ao mar era ali, naqueles promontórios, em frente ao grande oceano.

Foi ela que lhe contou que a primeira flauta que alguma vez existiu era feita de osso, que era um objeto sagrado e tinha sido inventada pelos homens e mulheres de curça para curar doenças, parar a chuva, chamar o Sol, coisas assim. Tudo o que diziam interessava ao outro, por isso é natural que, passados tantos anos de companheirismo e a crescerem juntos, se tenham apaixonado.

O problema é que Antília nunca poderia casar com ele, sendo ela uma princesa e ele um pastor. Nunca se percebeu como as razões da coroa se

sobrepõem às razões do coração, mas a verdade é que, assim que Antília disse ao seu pai que amava o pastor, o rei, apesar do amor verdadeiro que tinha pela sua filha, disse-lhe que de modo algum podia permitir a união de ambos. Respeitando a dor da princesa, deixou-a despedir-se do pastor.

Perante o desgosto da impossibilidade de ficarem juntos, o pastor e a princesa tanto choraram que as suas lágrimas originaram uma queda de água avassaladora. As lágrimas dos olhos azuis da princesa encheram metade da caldeira vulcânica da ilha e as lágrimas dos olhos verdes do pastor encheram a outra metade. O amor de ambos era tão grande, que as suas lágrimas cobriram o buraco do antigo vulcão da sua querida ilha, testemunhando a eterna união.

Estarão sempre lado a lado como os dois lagos, unidos de um modo muito especial.

De vez em quando, por cima da lagoa verde e azul, há uma neblina estranha. Nesses dias, parece que uma melodia amorosa acompanha esta bruma misteriosa. Talvez seja a flauta do pastor que toca para curar a sua dor...